

Os hebreus perante a ofensiva assíria desde 746 a 722 a.C. (Queda da Samaria)

O terceiro quartel do século VIII a.C. é caracterizado em todo o Médio Oriente por forte agitação, digamos mesmo convulsão. E isto por causa das campanhas militares da Assíria, então em fase de crescimento e expansão imperialista, fazendo estremecer todos os povos vizinhos¹. Entre os que mais se ressentiram, está certamente o povo hebreu. Experimentou de facto um período de profunda crise, que levou ao desaparecimento do reino do Norte, ou seja da Samaria. Deveremos ter presente o que afinal é uma constante da sua história, é que, para ser entendida, nos obriga a ultrapassar os reduzidos limites do seu território, a fim de descobrirmos causas que são condicionantes ou mesmo determinantes. De facto, pela sua posição geográfica, os hebreus estiveram constantemente em contacto com outros povos que ambicionaram o domínio da costa siro-palestinense, pela sua excepcional importância como ponte natural entre Norte e Sul. Ali se enfrentaram exércitos e se encontraram civilizações que deixaram sinais e marcas a que não foi indiferente o processo da História².

¹ De facto a crise assíria, que principiou com a guerra civil de 827 a.C., foi superada com a revolta que se deu em Kalhu por 746 e abriu o caminho a Tiglat-Pileser III para ocupar o trono e iniciar a época do grande expansionismo assírio. Cfr. P. GARELLI e V. NIKIPRO-WETZKY, *Le Proche-Orient Asiatique*, II, PUF, Paris 1974, 105.

² Se, no território dos hebreus, se encontraram e interligaram culturas, nem por isso deixou de surgir aí uma cultura cheia de originalidade, que se manifesta principalmente na religião. Foi esse, aliás, o grande legado do povo hebreu, que subsistiria para além de todas as crises. Como observam A. AYMARD e J. AUBOYER: «Des germes impérissables avaient été

O período em questão é especialmente privilegiado para mostrar algumas linhas de força que influenciaram a Antiguidade. Coincide, fundamentalmente, com o reinado de Tiglat-Pileser III, que subiu ao trono assírio em 746, vindo a falecer em 727. Seguiu-se-lhe o curto reinado de Salmanasar V, a quem sucederia Sargão II, que, logo no primeiro ano do seu reinado, 722, tomou a Samaria.

Surgindo em primeiro plano as invasões assírias para o ocidente asiático, teremos de reflectir nas suas consequências, que foram de grande alcance no processo civilizatório. Considera-se mesmo este período de importância determinante na história política e cultural dos tempos antigos.

Poderia este estudo permitir outro título, talvez mais preciso ou porventura mais genérico e mais vasto. Optamos por um que aponta os dois principais intervenientes na história do Médio Oriente, durante um escasso quarto de século. Não excluiremos no entanto, a acção de outros povos, designadamente arameus e egípcios, na medida em que for necessário para a compreensão da sequência dos acontecimentos.

É um tema que se reveste obviamente de uma dificuldade: a vastidão da matéria. Exige uma objectiva visão sincrónica do que se passa em todo o Médio Oriente no período em questão, mas oferece, por outro lado, ao historiador, uma vantagem apreciável: a abundância e o valor da documentação.

As fontes

São de três géneros as fontes escritas que possuímos: textos assírios, principalmente inscrições e anais de Tiglat-Pileser III e Sargão II; ostracas da Samaria e de Láquish; vários livros bíblicos, designadamente I e II dos Reis, I e II das Crónicas, Amós, Oseias e Isaías e testemunhos arqueológicos. Embora não seja nosso propósito elaborar aqui uma pormenorizada crítica textual que evidencie a origem e transmissão do texto, o seu estado de conservação, lições variantes, eventuais lacunas, restabelecimento do texto, versões

jetés en terre et, revigorés par d'autres influences, ils donneraient un jour naissance à des moissons spirituelles dont des millions d'humains continuent, aujourd'hui encore, à se nourrir», in *L'Orient et la Grèce Antique* (dir. de M. Crouzet), PUF, Paris 1961, 255.

propostas, etc., não poderemos deixar de dar alguma informação e de expressar um fundamentado juízo de valor. Não queremos esquecer que a crítica textual é o primeiro passo a dar por todo aquele que faz exegese de um texto da Antiguidade.

Textos históricos assírios

Relativamente aos Anais de Tiglat-Pileser III, tem de afirmar-se que neles existem lacunas e subsistem dúvidas quanto à sequência cronológica dos acontecimentos. Outros documentos, mormente as inscrições, que se repetem, resumem as conquistas, segundo agrupamentos geográficos³. Apesar disso, confrontando estes dados com as indicações da crónica dos epónimos, podem definir-se várias etapas precisas⁴.

Nos Anais de Sargão II, nota-se melhor a sequência cronológica. Uns e outros documentos constituem base sólida para a historiografia, sendo confirmados por outras fontes e ainda complementados em pormenores pelas listas dos soldados encontradas nos arquivos de Kalah, ou seja Nimrud, também da mesma época.

Ostracas da Samaria

Trata-se de uma centena de inscrições sobre fragmentos de cerâmica (como se vê pelo nome «ostracon», aliás de concha de molusco) encontradas em 1910 nas escavações do palácio da Samaria. Constituem dois grupos de Jeroboão II, que faleceu em 746, precisamente a data escolhida para início do período que estudamos⁵.

³ Seguimos a versão inglesa de Leo Oppenheim, tal como é apresentada por J. PRITCHARD, *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament* (= ANET), Princeton University Press, Princeton (New Jersey) 1969. Quanto às campanhas de Tiglat-Pileser III contra a Síria e Palestina, 282-284; quanto a Sargão II, sob o tema «Queda da Samaria», 284-287. A maior parte destes textos figuram na edição mais reduzida, que foi traduzida para castelhano por L. A. LARRAYA, Ed. Garriga, Barcelona 1966. Não vamos segui-la aqui pelo facto de ser uma tradução a partir de outra tradução e porque, nalguns casos, lhe reconhecemos deficiências.

⁴ Cf. M. FALKNER, «Die Eponymen der Spätassyrischen Zeit» in *Arc(i) y für Orientforschung*, 17, 1954-1956, 100-120; H. TADMOR, «The campaigns of Sargon II of Assur» in *Journal of Cuneiform Studies*, 12, 1958, 22-44; 77-100.

⁵ Vamos seguir, neste caso, a versão mais recente, acompanhada de um admirável estudo exegético, que é proposta por A. LEMAIRE, *Inscriptions Hébraïques, I, Les Ostraca*, Ed. du Cerf, Paris 1977. A edição «princeps» das Ostracas da Samaria deve-se a G. A. REISNER, C. G. FISHER e D. S. LYON — *Harvard Excavations at Samaria, I Text, II Plans and Plates*, Harvard University Press, Cambridge 1924. Entre as publicações parciais, distingue-se a de H. DONNER e W. RÖLLIG, *Kanaanäische und Aramäische Inschriften*, Otto Harrassowitz, Wiesbaden 1962.

No grupo 1, a formulação apresenta-se geralmente sob este esquema: «no ano... veio de... para... uma vasilha de vinho ou de azeite». Numa frase destas, desempenham particular importância as preposições *em* ב, *de* מן, *para* ל. Exemplifiquemos concretamente com a óstraca n.º 7: בשת התשעת מקצה לגדיו נבל ין ישן «No nono ano veio de Cuza para Gadiou um odre de vinho velho».

No grupo 2, a formulação é mais ampla, pois além do nome do destinatário, aparece normalmente um outro nome de pessoa, ou seja daquele que envia.

Trata-se de registos de entradas no armazém do palácio real. Nomeia-se o lugar ou a propriedade donde vem o produto, o nome do feitor ou do rendeiro que se responsabiliza pelo envio da encomenda e o nome do seu destinatário na corte⁶.

A importância destas inscrições é considerável para o período a que nos reportamos.

Os nomes dos lugares revelam-nos, ao menos em parte, a geografia administrativa do reino do Norte e permitem completar dados bíblicos sobre a topografia histórica de Israel. Aliás os nomes coincidem com os das listas da tribo de Manassés, conhecidos em Núm. 26, 29-31; Jos. 17, 1-13; I Crón. 7, 14-19.

Os nomes de pessoas permitem-nos verificar a diversidade da população dos arredores da capital, pois as terras da proveniência dos produtos situam-se nos arredores da Samaria. Assim, pode notar-se que há nomes javistas em maior número. Distinguímos 11 desse tipo; em seguida, 8 nomes baalistas e 2 de origem egípcia. Curiosamente os nomes dos senhores que vivem na corte são todos javistas, havendo apenas um caso duvidoso; os nomes dos feitores ou rendeiros, de nível menos elevado, são baalistas, ou seja de origem cananea ou egípcia.

Trata-se apenas duma pequena amostragem que obviamente não basta para se falar de estatísticas ou estabelecer percentagens sobre as origens e etnias da população do norte, mas permite supor diferenças nessa população e consequentes problemas de ordem política, social e religiosa, o que aliás será constatado por outros testemunhos.

⁶ Além desta linha de interpretações, que é proposta por A. LEMAIRE, *ob. cit.*, e que nos parece muito segura e documentada, é justo referirem-se outras duas que também têm seus defensores: 1. Tratar-se-ia de impostos ou dízimos em géneros, vindos de diversos distritos do reino de Israel; 2. Seriam contas das provisões do palácio real.

Qualquer que seja a interpretação, há sempre elementos não discutíveis, designadamente a existência de nomes de pessoas e de lugares, que têm importância para o nosso estudo.

Observe-se ainda o facto de existirem pessoas de elevada classe social ligadas à corte, senhores que comem à mesa do rei, contribuindo para isso com os rendimentos que lhes chegam das suas propriedades, que outros cultivam directamente. Isso mesmo já é testemunhado nos tempos davídicos, mais de dois séculos antes, quando Ziba era encarregado de enviar as suas rendas para Meribal, que vivia na corte com o rei (II Sam. 9, 10).

Quanto às óstracas de Láquish, salientemos a obra de A. Lemaire, por ser o último trabalho sobre o assunto e conter bibliografia adequada⁷. Diga-se entretanto que elas têm menos relação directa com este assunto, por se reportarem já aos fins da época assíria e princípio da neo-babilónica. Como quer que seja, as informações que nos dão põem em evidência aspectos do reino de Judá bem reveladores das sequelas da crise que se prolongou após a queda da Samaria⁸.

Livros bíblicos

As fontes bíblicas são de índole diferente. Os livros dos *Reis* e os das *Crónicas* são de género literário designado por histórico. Trata-se entretanto de uma história onde os critérios de valor são fundamentalmente religiosos, o que, para alguns, poderá significar história finalística e apologética. Não se pense por isso que os seus autores são menos fidedignos por não documentaram as suas afirmações. Muito longe disso, eles revelam preocupação em citar as fontes em que se apoiam. À maneira de exemplo, pode verificar-se que o autor dos dois livros das *Crónicas* cita dezassete vezes as fontes que utiliza e sempre que se pode controlar, como acontece quando cita os Livros dos Reis, a citação que faz é exacta, ou rigorosamente literal, ou então de total fidelidade quanto ao sentido. Isto inspi-

⁷ As ostracas foram encontradas nas escavações de Tell el Dweir, Láquish em 1935. Além do estudo de A. LEMAIRE, deve mencionar-se a publicação de H. DONNER e W. RÖLLIG citada na nota 5.

⁸ De facto trata-se de cartas enviadas por um tal Ja'os, responsável pela guarda e defesa de Láquish, informando dos graves acontecimentos que estavam a ocorrer, nas vésperas da queda de Jerusalém. Não é só a língua, que manifesta grande semelhança com a do livro de Jeremias. O próprio nome do profeta aparece nestes importantíssimos textos, que são os mais extensos extra-bíblicos que se conhecem antes dos de Qumran.

ra-nos confiança, que é aliás corroborada quando vemos a coincidência com outros documentos, como é o caso das inscrições da Assíria.

Os livros dos profetas, tendo objectivos muito específicos, são de género literário diferente. Focam especialmente problemas sociais e religiosos, como é o caso de Amós e de Oseias. Coincidem geralmente com outras fontes já citadas e oferecem um subsídio valioso para esclarecer determinadas situações históricas⁹.

Testemunhos arqueológicos

A Arqueologia, relativamente a este período, dá ao historiador grande riqueza de informações. Sem haver necessidade de referências pormenorizadas, não deverá silenciar-se o precioso contributo que nos vem das escavações da Samaria¹⁰ de Tell el Fara¹¹

⁹ Amós e Oseias, profetas do século VIII a.C., criticam efectivamente, de forma violenta, as injustiças sociais a que assistiam. O primeiro, usando linguagem muito directa e, por vezes bastante rude, deixa-nos uma imagem muito viva do reino do Norte. O segundo, partindo duma experiência de vida conjugal (real ou fictícia) revela particular sensibilidade pelo aspecto religioso, comparando a gravidade da infidelidade do povo a Javé com o adultério da mulher.

Julga-se conveniente informar que as citações que vão fazer-se em português foram cotejadas com o texto hebraico da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, Stuttgart 1967/77.

¹⁰ As escavações arqueológicas da Samaria foram iniciadas em 1908 pela Universidade de Harvard sob a direcção de D. Lyon, G. Reisner e C. Fisser. Desde então, com alguns períodos de interrupção, elas têm prosseguido sob a responsabilidade de várias instituições: Universidade de Harvard, Universidade Hebraica de Jerusalém e Escola Inglesa de Arqueologia de Jerusalém, 1930-1933; Departamento de Antiguidades da Jordânia, 1965-1967; Escola Inglesa de Arqueologia de Jerusalém, 1968 e ainda em curso. A bibliografia é vastíssima. Dão informações sobre as escavações, as óstracas e espólio revelador da presença assíria os seguintes trabalhos: . B. LIVIO, J. DE CROIX e outros, «Samarie» in *Bible et Terre Sainte*, n.º 120, 1970. Todo o número da revista é dedicado a este tema. J. MACDONALD e B. TSEDAKA, «Samarie» in *Encyclopedia Judaica*, vol. 14, 1971, 726-748. N. AVIGAD, «Samarie», *Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*, vol. IV (Editors, English Edition, Michael Avi-Yonah, Ephraim Stern) Massada Press, Jerusalém 1978, 1032-1050. Para além da reprodução fotográfica de algumas óstracas, em diferentes páginas, pode ver-se na p. 1038 uma reprodução de uma inscrição cuneiforme «aparentemente do tempo de Sargão II». Na página seguinte, podem observar-se motivos assírios em objectos de marfim. Citaremos habitualmente esta obra por EAE.

¹¹ O estrato II é o nível melhor definido. Revela «os traços de uma completa devastação, indubitavelmente o resultado da invasão assíria contra as cidades israelitas que antecedeu o cerco da Samaria — R. DE VAUX, «El-Far'a Tell» in EAE, vol. II, 1976, 404. As escavações de El-Far'a foram promovidas pela «Ecole Biblique et Archeologique Française de Jerusalem» e dirigidas por R. de Vaux. As nove campanhas de escavação ocorreram entre 1946 a 1960, aparecendo os respectivos relatórios na *Revue Biblique* de: 1947, 48, 49, 51, 52, 55, 57, 61, 62. O autor destas linhas participou na campanha de 1986.

de Meguido¹² de Hazor¹³ e mais recentemente de Tell el Hesi¹⁴ Tell Quiri¹⁵ Dan¹⁶, etc.

Todos estes elementos permitem-nos apresentar o quadro histórico do Médio Oriente no início da segunda metade do século VIII a.C., pondo em relevo o povo hebreu, que então estava constituído em dois pequenos reinos, e o império assírio, então em fase de expansão.

O médio oriente no séc. VIII a.C.

Tendo passado períodos difíceis por causa das crises internas e de agressões externas, sem faltarem mútuas humilhações, os dois reinos hebreus gozavam de relativa prosperidade económica no princípio do séc. VIII. Israel, sob Jeroboão II, que reinou provavelmente de 783 a 746, desenvolveu-se como uma potência económica que chega a comparar-se à dos tempos de Salomão, pois restabeleceu

¹² Em Meguido, realizaram-se sucessivas campanhas de escavações desde 1903, sob o patrocínio de diversas escolas, inicialmente alemãs e posteriormente americanas. Entre 1960 a 1970 foram dirigidas por Yadin, da Universidade Hebraica, pondo a descoberto o estrato III que «atesta claramente a influência assíria, seja no estilo seja no plano». «A cidade era nessa época a capital da província assíria». Cfr. Y. YADIN, «Meguido», in EAE vol. III, 1977, 856-857. Da vasta bibliografia sobre Meguido, salienta-se: R. S. LAMON e G. M. SHILTON, *Megiddo I*, The Oriental Institute Publications, Chicago, 42, 1939; G. LOND, *MEGIDDO II*, ibid. 62, 1948.

¹³ As primeiras escavações realizaram-se sob a direcção de Garstang em 1929. De 1955 a 1958 as escavações foram promovidas pela Universidade Hebraica, pela «Anglo-Israel Exploration Society» e pelo Governo de Israel e dirigidas por Yadin, fazendo-se rodear de um grupo de notáveis arqueólogos, como Y. Aharoni, Ruth Amiran, M. Dothan, J. Perrot, etc. Foi sobretudo no estrato V que se encontrou a forte presença assíria. No fim desse nível, as escavações puseram a claro a destruição da cidadela pela conquista de Tiglat-Pileser III. Além de diversas inscrições, objectos de marfim, etc., encontrou-se uma vasilha com a seguinte inscrição: «pertencente a Pekah». Cfr. Y. YADIN, «Hazor» in EAE, vol. II, 1976, 489. Cfr. também *Bible et Terre Sainte* n.º 16, 1959, onde se encontra, entre muitas informações, um desenvolvido artigo de Y. YADIN. Como obra básica tem de referir-se: Y. YADIN, Y. AHARONI, R. AMIRAN, F. DOTHAN e J. PERROT, *Hazor I*, Jerusalém 1958; *Hazor II*, Jerusalém 1960.

¹⁴ Tell el Hesi, na Shefela, tem sido escavado desde 1970 pela American Schools of Oriental Research e sob a direcção de L. E. TOOMBS. O estrato correspondente ao séc. VIII a.C. revela grande presença de objectos assírios. Cfr. «Chronique Archéologique» in *Revue Biblique*, LXXXV, 1978, 84-90; R. AMIRAN e J. E. WORRELL, «Hesi Tell» in EAE, vol. II, 514-520.

¹⁵ Tell el Quiri, na Galileia Central, tem sido escavado desde 1975 pela Universidade Hebraica e pelo Departamento de Antiguidades de Israel, sob a direcção de A. Ben-Tor e B. Brandel. A presença assíria no séc. VIII é considerável. Cfr. «Chronique Archéologique» in *Revue Biblique*, LXXXV, 1978, 100-104.

¹⁶ As escavações realizadas em Dan sob os auspícios do Museu Semítico de Harvard e do Departamento de Antiguidades de Israel, sob a direcção de A. Biran manifestam claramente que «na conquista assíria a cidade sofreu o destino das outras cidades do norte de Israel, mas continuou a ser habitada e a sua acrópole foi usada como um lugar de culto» — A. BIRAN, «Dan, Tel» in EAE, vol. I, 321; Cfr. também «Chronique Archéologique» in *Revue Biblique*, LXXXVI, 1979, 154-156.

as suas fronteiras desde Hamat até ao mar da Arábá. Infelizmente são estas as únicas informações que nos dá o autor do livro dos *Reis*. E mais não diz por não julgar a piedade do soberano suficientemente exemplar para lhe exaltar a memória.

Entretanto a Arqueologia pôs a descoberto ricos palácios, marfins e objectos reveladores do alto nível de vida da Samaria, coincidindo aliás com o que nos diz Amós, contemporâneo de Jero-boão II, nas suas invectivas contra o luxo das classes dirigentes.

Em Judá, também a época era de prosperidade. Isto sob o reino de Uzias (designado também por Azarias), que reinou de 781 até 740 (data mais aceite do que 743).

No segundo *Livro das Crónicas*, cap. 26, encontramos algumas informações precisas sobre a sua obra de restauração: reorganização do exército, reconstrução das muralhas de Jerusalém e do porto de Ezion-Geber (Eilat), comércio e boas relações com a Transjordânia, reconquista das cidades da planície, onde tradicionalmente dominavam os filisteus, etc.

Pode mesmo afirmar-se que, no princípio da segunda metade do séc. VIII, Israel e Judá eram as duas maiores potências no Médio Oriente para aquém do Eufrates. Mas, à prosperidade económica, seguir-se-ia uma repentina crise a diversos níveis, em boa parte por causa das intervenções militares da Assíria, que se mostrou particularmente agressiva depois da subida ao trono de Tiglat-Pileser III, em 745.

A Assíria desde há muito cobiçava as terras para cá do Eufrates, por motivos de ordem económica: por causa das madeiras e de pedra para as suas construções, por causa dos recursos minerais e ainda porque eram porta aberta para o Egipto, para o sul da Ásia Menor e para o comércio com as ilhas do Mediterrâneo.

Entretanto, se até esta altura os seus exércitos não conseguiram conquistas sólidas nestas regiões, tal não viria a acontecer com Tiglat-Pileser III. Com ele, mudava a história dos Assírios. Foi mesmo, como acentuam vários autores, o verdadeiro criador do último grande império assírio, com o seu enérgico centralismo, a reorganização do exército e a sua política de deportações em massa¹⁷.

¹⁷ «Criador do último império assírio», chama-lhe A. TOVAR, *História del Antiquo Oriente*, Montaner & Simon, Barcelona 1970, 217 (Existe edição de 1978, e novamente em revisão). Também P. GARELLI considera Tiglat-Pileser III «un des plus grands rois d'Assyrie, le véritable fondateur de son empire» in *Le Proche-Orient Asiatique*, Paris, 1974, 108. J. BRIGTH, falando do império neo-assírio, escreve também: «the inaugurator of this period of Assyrian

Das suas inscrições e dos seus anais, podemos extrair informações no concernente à política de expansão e de anexação que levou a efeito. Apenas subido ao trono, consolidou o domínio da Assíria sobre as populações caldeias da Babilónia, sem entretanto querer apoderar-se do seu trono, o que só aconteceu em 729, após determinados distúrbios, tomando aí o nome de Pulu, nome pelo qual ficou a ser conhecido na Bíblia (II Re. 15, 19s)¹⁸.

Após uma sublevação de Sardur II de Urartu, que conseguira o apoio de vários aliados, apoderou-se da sua capital, deportando 72 950 dos seus habitantes. Eliminava também deste modo o inimigo do norte.

Também para oriente se havia de estender. Os seus exércitos, em sucessivas campanhas pelo norte do Irão, chegaram mesmo até ao sul do mar Cáspio¹⁹.

Entretanto têm mais importância para nós as suas campanhas para ocidente. Logo em 743, dois ou três anos após ter subido ao trono, vemos Tiglat-Pileser III empenhado em subjugar as regiões da Síria. Eis a propósito um extracto dos seus anais do terceiro ano de reinado: «No ano seguinte da minha campanha, eu recebi o tributo de Azarias de Ya'udi. Ele teve conhecimento da aproximação do exército de Assur e teve medo... eu despedacei, destruí e queimei...». O texto prossegue, referindo cidades e províncias conquistadas, concluindo: «Ao todo 19 distritos, pertencendo a Hamat; e as cidades da sua vizinhança que estão situadas na costa e que foram tomadas a Azarias eu trouxe para a Assíria. Instalei um meu oficial como governador sobre eles. Deportei 30 300 habitantes das suas cidades e estabeleci-os na cidade de Ku...(?)»²⁰.

Há no texto um pormenor que tem alguma importância para o tema que tratamos e não pode ficar esquecido: quem era Azarias de Ya'udi? A resposta pareceria fácil: Azarias era o rei de Judá, que então chefiava uma liga anti-assíria. Há entretanto que pôr certas reservas que nos vêm do facto de existir na época um pequeno

history and the true founder of the empire was Tiglat-Pileser III 745-727 in *A History of Israel*, 2.^a ed., The Westminster Press, Londres 1972, 268. Há entretanto outros historiadores que preferem considerar Sargão II (722-705) como o fundador do império, como P. PETIT in *O Mundo Antigo*, trad. port., Ed. Ática, Lisboa 1976, 64.

¹⁸ Há entretanto quem não aceite a identificação de Pulu com Tiglat-Pileser III. Sobre tal assunto, ver J. A. BRINKMAN, *A political History of Post-Kassite Babylonia* (1158-722), Roma 1968, 60-62.

¹⁹ Para uma visão sucinta das conquistas assírias para norte, pode ler-se P. GARELLI, *ob. cit.*, Cap. II «L'ascension de l'Assyrie, 77-116».

²⁰ ANET 283.

reino arameu, conhecido por Sam'al, que teria por capital Ya'udi. Assim sendo, poderia tratar-se do soberano que reinava em Ya'udi, capital desse reino²¹. É opinião perfilhada por Paul Garelli, contrariamente a outros²². Parece mais razoável admitir-se que Azarias não é outro senão o rei de Judá, que só faleceria em 740 ou porventura no mesmo ano do ataque assírio, em 743. De facto, seriam duas coincidências difíceis de explicar: a existência de um outro país com o mesmo nome e, ao mesmo tempo, governado por um rei de nome igual. Parece que não deverá estranhar-se que o rei Azarias chefiasse no Ocidente uma liga contra a Assíria, sabendo do prestígio que então ele tinha e sabendo ainda que, nessa altura já o reino da Samaria estava em grande crise, motivada pelas bruscas sucessões no trono, como já vamos ver. Nem o facto de Azarias sofrer nessa altura de lepra, sendo coadjuvado por seu filho Joatão, impediam que o seu nome figurasse em tal coligação. Por outro lado, o texto refere-se às cidades da costa que lhe foram tomadas. Ora dificilmente se pode admitir que tais cidades pertencessem ao pequeno reino arameu, quando tradicionalmente pertenciam a Judá²³.

Se a exegese deste pormenor permite dúvidas, nem por isso deixa de ser evidente a informação básica do texto: os avanços dos exércitos assírios em todas as frentes. E não eram operações destinadas apenas a destruírem o poder material e a recolher o espólio da guerra. Isso fora a tática usada antes de Tiglat-Pileser: os vencidos ficavam tributários, mas conservavam a sua independência; quando se recusavam a pagar o tributo, eram de novo batidos e tudo começava de novo. Com Tiglat-Pileser III, pelo contrário, a guerra tornou-se de conquista. O território ocupado era incluído dentro dos limites do território de Assur e repartido em províncias, dirigidas pelos «bel pihati», que dispunham de guarnições permanentes para abafarem qualquer indício de rebelião.

No caso destas investidas para ocidente, foram ocupadas regiões da Síria (os arameus) e da costa, ficando lá colocado como gover-

²¹ É o que se pode depreender de dois estudos realizados há mais de três décadas e ainda hoje actuais: B. LANDSBERGER, *Sam'al*, Ankara 1948; A. DULONT-SOMMER, *Les Araméens*, Paris 1949.

²² P. GARELLI, *ob. cit.*, 111. Ao perfilhar esta explicação, admite que, nessa época, já Azarias teria morrido.

²³ O assunto é analisado por: M. F. UNGER, *Israel and the Arameans of Damascus*, Londres 1957; H. TADMOR, «Azriay of Yaudi» in *Scripta Hierosolymitana*, VIII, 1961, 232-271. J. BRIGHT, apoiando-se nestes autores e ainda em E. R. Thiele e W. F. Albright, considera que não deve ser outro senão Azarias ou Uzias de Judá. *Ob. cit.* 268. Tem interesse todo o cap. VII «The period of Assyrian Conquest, from the Mid-Eighth Century to the Death of Ezekiah», 267-308.

nador um homem da confiança do poder central. Azarias deve ter morrido antes de sofrer represálias.

O ímpeto e violência dos exércitos assírios é comparado nos próprios anais e inscrições a uma tempestade de neve que assolava as regiões por onde passava²⁴. Poderíamos modificar um pouco a imagem falando, como outros, duma tempestade de vento que levava diante de si os pequenos reinos como folhas secas caídas das árvores.

A este ímpeto nenhuma potência da época poderia resistir, nem mesmo aquela que era tradicionalmente grande e forte, o Egito, pois nesta altura, encontrava-se em grande declínio que, desde há muito, se vinha acentuando com as dinastias líbias que cederiam o lugar em breve às dinastias núbias. O Egito era um conjunto de pequenos estados rivais entre si. O próprio Isaías faz uma curiosa alusão a esse estado de coisas em 19, 23, ao dizer que se levantam egípcios contra egípcios, irmãos contra irmãos, cidades contra cidades.

Nestas circunstâncias, mais do que uma força capaz de se opôr ao avanço assírio, era uma presa fácil. De facto, um pouco mais tarde, no séc. VII, os assírios chegariam até à cidade de Tebas. Não poderiam portanto os hebreus recorrer ao auxílio do Egito e, se por veleidade o fizeram, como de facto aconteceu, só iriam exacerbar os ódios dos inimigos.

Perante este desequilíbrio de forças e perante a ameaça assíria, havemos de concordar que o clima político em Israel e em Judá era de total insegurança, agravada pela profunda crise interna que um e outro pequeno reino experimentavam.

Israel

Comecemos pelo norte, pelo reino da Samaria, analisando a situação política. Após a relativa prosperidade dos tempos de Jero-boão II, seguiu-se uma profunda crise política, de tal modo que no período dos dez anos que se seguiram, Israel teve 5 reis, três deles alcançando o trono pela violência, sem qualquer pretexto de legitimidade.

Zacarias, filho de Jero-boão, foi assassinado ao fim de seis meses por Shalum que, por sua vez, também foi assassinado, passado um mês, por Menahém de Gadi. Ambições pessoais, rivalidades de famílias, conjuras... De tudo um pouco. A verdade é que o país

²⁴ ANET 283.

viveu a experiência da guerra civil. Em relação à Assíria, diga-se que a política era de submissão. Num dos textos de Tiglat-Pileser III, que se situa pelo ano 738, diz-se mesmo que recebeu tributo de Menahém. A informação é deste teor: «Quanto a Menahém, sobre-carreguei-o com uma tempestade de neve e ele fugiu como um pássaro, sozinho, e veio prostrar-se aos meus pés. Então eu coloquei-o de novo no seu posto e impus-lhe um tributo, a saber: ouro, prata, tecidos de linho de franjas de muitas cores. Da terra de Omri (= Israel) levei os seus habitantes e as suas posses para a Assíria»²⁵. O I Re. 15, 19, 20 dá informação coincidente e complementar: «Menahém deu a Pulu rei da Síria, que viera do seu país, mil talentos de prata, a fim de que ele o ajudasse a consolidar o seu poder. Menahém, para obter essa quantia para o rei da Síria, exigiu uma contribuição dos grandes proprietários de Israel à razão de cinquenta ciclos de prata por pessoa».

Parece que o povo compreendeu e aceitou, para não perder a sua independência.

Pouco após, Menahém falecia de morte natural, sucedendo-lhe o filho Faccias ou Pekaiá פִּקְחִיָּהּ, que ao fim de dois anos foi assassinado por um próximo colaborador de nome semelhante: Faccia ou Pekah.

Ao que parece, o assassinato do rei foi o resultado duma conjura em que estariam envolvidos Rezin, rei de Damasco e alguns chefes dos Filisteus, os quais pretendiam organizar uma frente de resistência contra a Assíria e encontravam Menahém relutante em se juntar a eles. Teriam por isso planeado a conspiração, sabendo que Pekah lhes favorecia os seus planos. Assim se compreenderia a linguagem de Is. 9, 8-12, em estilo um tanto enigmático, recordando que tanto os sírios do oriente como os filisteus do ocidente pretendiam devorar Israel. E é também natural que o Egipto estivesse por trás a apoiar, como se depreende de II Re. 17,4 e Os. 7,11; 12,1²⁶.

A verdade é que a política externa de Israel mudou após a morte de Menahém. O novo rei, usurpador do trono, surge como chefe da liga anti-assíria que provocou guerra contra Judá e iria desencadear a ruína definitiva da Samaria. O clima político em Israel era pois de insegurança, de instabilidade e de pânico, perante o perigo que vinha da Assíria.

²⁵ *Ibidem*, 283-284.

²⁶ J. BRIGHT, *ob. cit.*, 270.

Crise social

A crise social acompanhava a confusão política. Bastará lermos, para nossa informação, o que nos diz Amós e Oseias, o primeiro contemporâneo de Jeroboão II e o segundo que viveu exactamente no período que é objecto deste estudo.

Eis algumas frases de Amós:

«Esmagam sobre o pó da terra a cabeça do pobre, confundem os pequenos; o filho e o pai dormem com a mesma jovem» (2,7).

«Amontoam nos seus palácios o fruto das suas violências e dos seus roubos» (3, 10).

Insurge-se contra «os que habitam na Samaria, sentados no canto de um divã, sobre almofadas de Damasco» (3, 12).

E ameaça: «Derrubarei a residência de inverno e a residência de verão; os palácios de marfim serão destruídos» (3, 15).

Em linguagem mais rude, diria ainda: «Ouvi estas palavras vacas de Basã, que viveis na montanha da Samaria, vós que oprimis os fracos e vexais os pobres, vós que dizeis aos vossos maridos: trazei e bebamos» (4, 1).

Em 5, 12 lê-se ainda: «Sois opressores do justo, accitais dádivas e violais o direito dos pobres em juízo». Por isso, acrescenta ainda: o prudente se cala neste tempo, porque é tempo mau» (5, 13).

Ainda que possamos admitir alguns exageros nesta linguagem com preocupações moralizantes, é evidente que existiam graves problemas sociais: a riqueza e o luxo dos grandes, à custa da miséria dos pobres; opressão de diversos modos e, mais que tudo, o colapso da lei: não havia possibilidade de se fazer justiça.

Crise religiosa

Aqui socorremo-nos das informações de Oseias que, embora refira crimes sociais, insiste principalmente na infidelidade religiosa, que considera como raiz dos diversos males:

«O meu povo consulta o seu pedaço de pau e o seu cajado faz-lhe revelações... Oferecem sacrifícios no cimo das montanhas, queimam ofertas sobre as colinas... Efraim aliou-se aos ídolos» (Os. 4, 11-4).

De facto a desintegração religiosa estava em boa medida na origem da própria crise política e social. O paganismo, que se infiltrara, conduzia à devassidão e a todos os desregramentos. Tendo

abandonado o padrão de moralidade do Javismo, não existia um princípio em que se assentasse, nem fé comum que pudesse constituir base para uma acção concertada. Esquecidas e abandonadas as sanções que vinham da religião, num povo tradicionalmente arreigado à religião monoteísta, não admira que Israel caísse nos maiores extremos, em actos de autêntica barbárie. Exemplo disso podemos ver na actuação de Menahém, na luta pelo poder: «Menahém, que subia de Tirsa, castigou Tapsa e o seu território e matou todos os seus habitantes, porque não lhe abriram as suas portas, arrasou a cidade e rasgou o ventre de todas as mulheres grávidas» (I Re. 15, 16). Amós refere coisa semelhante noutras circunstâncias (Am. 1, 13). Trata-se de represálias que atingiam na sua fonte o futuro de um povo.

Não nos admiramos por isso que o povo já não visse no rei o eleito de Deus, a quem era devido respeito e obediência. Oseias podia queixar-se desta forma: «Constituíram reis sem minha aprovação, estabeleceram chefes sem meu consentimento» (8, 4).

Sem coesão interna, desligado das suas tradições religiosas, o estado encontrava-se incapaz de acção inteligente e concertada e os seus chefes políticos revelaram total incompetência para compreenderem a gravidade da situação.

Judá

Em Judá, a crise não atingiu esses extremos, mas também ali, após a prosperidade dos tempos de Azarias, falecido em 740, ou por ventura 743, se havia de seguir um período de dificuldades, cujas causas se hão-de procurar no reino do Norte, com as suas maléficas intervenções e influências.

Vimos que, apenas se apoderou do trono da Samaria, Faceia ou Pekah, cerca de 737, se tornou chefe duma frente anti-assíria em que estava o rei de Damasco e alguns chefes dos filisteus. Quiseram naturalmente que Judá se lhes associasse, mas o rei, que então já era o filho de Azarias, de nome Joatão (742-735), preferiu uma política de neutralidade. Faceia e Rezin, não querendo ter na sua rectaguarda uma potência neutral e eventualmente hostil, tudo fizeram para conseguir a adesão de Judá (II Re. 15, 27). Entretanto Joatão faleceu, sucedendo-lhe o filho Acáz. Foi sobre ele que recaiu toda a força dos inimigos. Os reis coligados atacam Judá e cercam Jerusalém (II Cr. 28, 5.8 e II Re. 16, 5) com a intenção de deporem Acáz

e de colocarem no trono, em vez dele, um certo Ben Tabeel (Is. 7, 6)²⁷.

Entretanto os Edomeus, que estiveram sujeitos a Judá durante a maior parte do séc. VIII, readquiriram a sua independência e expulsaram de Ezion-Gaber (Eilat) as tropas de Acaz, destruindo o porto, como prova a Arqueologia²⁸.

Se esta acção teve a ajuda aramaica, como faz supor II Re. 16, 6 (TM) ou foi pelos próprios Edomeus, como pensam alguns investigadores, não se sabe. (Recordemos que Aram e Edom são quase o mesmo em hebraico). Em qualquer caso, os Edomeus parece que então se juntaram aos confederados, atacando Judá (II Cr. 28, 17).

Ao mesmo tempo, os filisteus, presumivelmente actuando em conjunto e de acordo com os outros, devastaram o Neguev e a Shefela, ocupando várias cidades fronteiriças. Judá estava pois a ser atacado por três lados.

Em circunstâncias tão críticas, compreendemos a profunda consternação de Jerusalém que levou Acaz a uma verdadeira crise de desespero. Interveio ainda o Profeta Isaías a recordar-lhe as antigas promessas feitas à dinastia davídica (Is. 7, 14). Mas a fé do rei não era igual à do profeta. E Acaz, desesperado, envia mensageiros a Tiglat-Pileser III, implorando ajuda: «Eu sou o teu servo e o teu filho. Vem e salva-me das mãos do rei da Síria e do rei de Israel que se coligaram contra mim» (II Re. 16, 7s; informação que também se encontra em II Cr. 28, 16). Foi este apelo que provocou a imediata intervenção da Assíria, que levaria à queda e desaparecimento do reino do Norte.

Intervenção militar da Assíria

O exército assírio desceu ao longo da costa e atingiu Gaza e a «ribeira do Egipto» (wadi el Arish), impedindo dessa forma toda a

²⁷ O nome «Ben Tabeel» ou propriamente Bet Tab'el é conhecido de um texto assírio quase contemporâneo, designando um chefe político de um país do norte da Transjordânia. Poderá ter sido um filho de Uzias ou de Joatão e de uma princesa aramaica, como refere J. BRIGHT, citando em seu favor W. F. ALBRIGHT e B. MAZAR, *ob. e cap. cit.*

²⁸ O sítio arqueológico é actualmente designado por Tell el Kheileifeh. Desde a sua descoberta por F. Frank em 1933 e das escavações que a seguir ali realizou N. Glueck, é identificado com o porto de Ezion-Geher, utilizado, pelo menos desde os tempos de Salomão (I Re. 9, 26). Entre as diversas destruições e sucessivas reconstruções, a arqueologia mostra claramente a destruição a que nos reportamos: «During the war of Ahaz and Rezin, King of Aram, and Pekah, King of Israel (about 733 C. B.) the city was again destroyed, and the Edomites rebuilt it anew (period IV)». — N. GLUECK, «Kheileifeh, Tell» in EAE, vol. III, 716.

possibilidade de auxílio egípcio. E só em seguida se voltou contra Israel, cujo território foi ocupado. Isto em 733. Todas as terras israelitas na Galileia e Transjordânia foram devastadas e foram deportados alguns grupos da população (II Re. 15, 29). Numerosas cidades foram destruídas, nomeadamente Meguido e Hazor. Meguido seria entretanto reconstruída em seguida como capital provincial. A arqueologia pôs a descoberto ao nível III, o palácio do governador assírio²⁹. Quanto a Hazor, sabemos que foi destruída para não mais ser reconstruída, como demonstraram as escavações arqueológicas³⁰. O território ocupado foi dividido em três províncias: Galaad, na Transjordânia; Meguido, incluindo a Galileia e Dor, sobre a planície costeira³¹.

Perante o desastre da devastação do território, Pekah foi assassinado por um certo Oseias ben Elah, que se apressou a pagar tributo ao soberano assírio. Nos anais de Tiglat-Pileser, a informação é do seguinte teor: «Eles depuseram o seu rei Pekah e eu coloquei Oseias como rei sobre eles. Recebi deles 10 talentos de ouro e 1 000 talentos de prata como seu tributo e levei-os para a Assíria»³².

Tiglat-Pileser deixou Damasco e o seu rei para o ano seguinte, 732. Foi então que atacou em força como se depreende desta inscrição: «Cerquei e conquistei Hadara, a propriedade herdada por Rezon de Damasco, o lugar onde ele nasceu. Trouxe 800 prisioneiros dos seus habitantes com o seu gado graúdo e miúdo... 750 prisioneiros de Kurusa... 550 prisioneiros de Metuna... etc. Destruí 16 distritos do país de Damasco, transformando-os em montões de ruínas sobre as quais correu sangue».

Pela sequência do mesmo texto, podemos avaliar a crueldade dos Assírios: «Mitinti, rei de Ascalon, que tinha violado o juramento feito comigo e se tinha revoltado, quando soube da derrota que infligi a Rezin, morreu de loucura»³³.

Nestas campanhas, o território da Samaria ficara praticamente todo devastado, deixando apenas com vida, como informa, o rei Oseias à frente dum pequeno território que mal correspondia ao

²⁹ Cfr. Y. YADIN, «Meggido» (Yadin's excavations 1960-1970), in EAE, vol. III, 855.

³⁰ *Ibidem*, 474-495, concretamente 491.

³¹ Sobre a divisão dos territórios conquistados e administração das províncias do império, merecem especial atenção os seguintes estudos: A ALT, *Das System der Assyrischen Provinzen auf dem Boden des Reiches Israel*, «Kleine Schriften zur Geschichte des Volkes Israel», Munique 1953; F. M. FALES, *Censimenti e catasti di epoca neo-assiria*, Roma 1973.

³² ANET 284.

³³ *Ibidem* 284.

território de Efraim e parte ocidental de Manassés. Apesar desta pequenês, o rei Oseias logo após a morte de Tiglat-Pileser III, ao subir ao trono Salmanasar V, pensou em revoltar-se, confiando para isso no auxílio do Egito. Envia mensageiros ao rei de Sais, isto é ao rei do Egito³⁴, mas do Egito nenhum auxílio podia vir. Era este o golpe final, o suicídio.

O profeta Oseias, contemporâneo, classifica este gesto de ingenuidade: «Efraim é como uma pomba ingênua, sem inteligência», ao apelar para o Egito (7, 11), acrescentando: «semearam ventos, colherão tempestades» (8, 7).

De facto assim aconteceria. Por 724, com toda a probabilidade, Salmanasar V atacou violentamente, levou prisioneiro Oseias, o último rei, ocupando todo o território, poupando apenas a cidade da Samaria. Dois anos mais tarde, em 722, seria o fim, já sob Sargão II, como nos informa nos seus anais:

«No princípio do meu reinado, conquistei a cidade dos samaritanos, o que me permitiu coroar o meu triunfo. Trouxe de lá como prisioneiros 27 290 habitantes e equipei dentre eles soldados para ocuparem 50 carros do meu exército real.

Reconstruí a cidade melhor do que fora antes e estabeleci nela gentes que eu próprio tinha conquistado. Pus lá um meu funcionário como governador e impus-lhes tributo, como costuma ser para os cidadãos assírios»³⁵.

O mesmo texto é repetido nas chamadas inscrições de ostentação, onde se informa que Hanno, rei de Gaza e Sibe (Egipto) se tinham juntado para uma batalha decisiva, mas foram derrotados. Melhor: «Sibe pôs-se em fuga para ninguém mais o ver, mal ouviu o ruído do exército de Sargão II»³⁶.

A data de 722/721 é pois duplamente simbólica: marca um desastre irreparável para os hebreus, com o desaparecimento definitivo do reino de Israel e corresponde ao acesso ao trono de um dos soberanos mais famosos da Antiguidade, Sargão II, de quem se diz nunca ter conhecido derrota.

³⁴ Notemos que a transliteração de «Sais» é imperfeita tanto em II Re 17,4, que lhe chama «Só» ou «Sua», como nos *Anais* de Sargão II, onde é chamado «Sibe». Se o reino é Sais, o rei deveria ser, ao tempo, Tefnaht. O assunto tem merecido vários estudos, de que se distingue: R. BORGER, «Das Ende des Hgyptischen Felhern Sib'e = Sô» in *Journal of Near Eastern Studies*, 19, 1960, 133-147.

³⁵ ANET, 284.

³⁶ ANET, 285.

Consequências

Podem acentuar-se aquelas que dizem respeito directamente aos hebreus e outras que têm alcance mais vasto. No primeiro caso, comecemos por apontar as de carácter político e económico.

A história política de Israel terminava então. O seu território ficava a constituir uma província com a capital em Meguido, sob um governador assírio, tendo sido organizado administrativamente no reinado de Sargão II.

Nas suas inscrições, fala-se entretanto de uma tentativa de rebelião da Samaria, simultaneamente com Gaza dos Filisteus e Damasco, que teria ocorrido por 720. Devem ter-se verificado novas deportações, como surgiriam ainda outras mais tarde, já sob Assaradão, como consta de Esd. 4, 2.

Se uma parte dos hebreus deixava de existir sob a forma de estado politicamente organizado, outra parte continuava ainda a sobreviver. Era o reino de Judá, mas subjugado à Assíria e com uma independência comprometida. Episódio esclarecedor dessa sujeição à Assíria é sem dúvida o da viagem de Acaz a Damasco, de que nos fala 2 Re. 16, 7ss. Não é só o facto de Acaz se dirigir a essa cidade para apresentar a Tiglat-Pileser a oferta do ouro e da prata que tinha retirado do templo e do palácio, mas é a adoração dos deuses assírios e o culto de Assur que iria introduzir, em seguida, no templo de Jerusalém. Ao ver o altar que se encontrava em Damasco, providenciou para que fosse enviado um modelo exacto ao sacerdote Urias de Jerusalém, a fim de que altar idêntico fosse levantado no templo. Ao regressar à sua cidade de Jerusalém, já encontrou o altar edificado, podendo lá oferecer sacrifícios (II Re. 16, 10.18).

Isto faz supor, entre outras coisas, que a hegemonia assíria, para ser consistente do ponto de vista político, procurava atingir a alma do povo com imposições religiosas. Acaz não deve ter caído em tais atitudes por iniciativa própria, mas naturalmente por imposição do dominador. A confirmar a nossa opinião está o facto de o soberano conquistador ter imposto o culto de Assur na Média, informando-nos também nos seus anais do que fizera em relação a Gaza:

«Como Hanno de Gaza fugira diante de meu exército para o Egipto, eu conquistei a cidade de Gaza... as suas propriedades pessoais, as suas imagens e coloquei lá as imagens dos meus deuses e a minha

imagem real no seu palácio. E determinei que fossem daí por diante os deuses do seu país»³⁷.

Sabemos também por outro lado, como a política de subserviência envolvia normalmente o reconhecimento dos deuses dos senhores dominadores, não em vez das religiões nativas, mas ao lado delas.

Está aqui provavelmente a explicação das inovações religiosas que Acáz introduziu no templo.

Não poderemos imaginar o que isto significava para a sensibilidade religiosa do povo. A sujeição política ia até ao ponto de ser um insulto ao Deus nacional. Javé nem sequer era senhor da sua casa em Jerusalém. Deste culto pagão e superstições introduzidas por Acáz, dão testemunho Is. 2, 6-8; 20; 8, 19; e Miq. 5, 12-14. Não esqueçamos mesmo que o rei oferecera um filho em sacrifício, seguindo práticas pagãs. Não admira pois que o rei viesse a ser detestado pelas gerações futuras, tais as consequências nefastas da subjugação assíria.

As consequências económicas para Judá, resultantes das intervenções assírias são também graves.

Judá perdera os territórios de Edom e o porto de Ezion-Geber, desde a guerra aramaico-israelita e não mais foram recuperados. Perdeu com isso não só os proventos das terras e do comércio através do único porto de que dispunha, mas também o comércio com a Transjordânia. Foi tal o empobrecimento do estado que Acáz se viu obrigado a desfazer-se do ouro e da prata que pertenciam ao palácio real e ao templo. E assim, perdidas as terras e gasto o ouro, Judá ficou na penúria.

Nem mesmo as tentativas reformistas de índole nacionalista que 5 anos mais tarde, por 715, seriam iniciadas e levadas a efeito pelo rei Ezequias seriam capazes de levantar o reino de Judá. A política dúbia que iria seguir, ora confiando no apoio do Egipto, ora voltando-se para a Assíria contribuiu para a sua ruína definitiva que, apesar de tudo, só iria verificar-se mais tarde com a intervenção de Nabucodonosor II da Babilónia.

³⁷ ANET, 283.

Consequências sociais são também manifestas

Afirmámos que a política dos reis assírios, sobretudo a partir de Tiglat-Pileser III, consistiu na anexação dos territórios e nas transferências de grandes massas humanas.

É sabido que o Médio Oriente teve sempre experiências de grande mobilidade de populações: por deslocações em busca de pastos e de alimentos, por coerção em casos de guerra, inclusive por raptos, conhecidos desde épocas remotas. Mas nunca atingiram proporções e características comparáveis às do império neo-assírio, em que agora vemos envolvidos principalmente os hebreus e os arameus³⁸.

Quanto às proporções, basta recordar alguns números muito significativos, extraídos dos anais e inscrições de Tiglat-Pileser III e de Sargão II.

Após a vitória sobre Sardur de Urartu, Tiglat-Pileser levou 72 950 prisioneiros. Por ocasião das primeiras campanhas para ocidente, em 743, levou das cidades arameias 30 300 pessoas. Pela mesma época, dá notícia de ter levado 12 000 arameus da região do Zab para Hatti. Da região de Dor, levou 5 400 pessoas para Ungi. Recorda ainda outras deportações da mesma época que totalizam 15 000 pessoas³⁹.

Quanto a Sargão II, temos também informações elucidativas, mesmo se nos reportarmos só aos primeiros quatro anos do seu reinado, os que mais proximamente nos interessam. Assim, fala de multidões deportadas de Hamat, tendo lá colocado 6 300 assírios da sua confiança⁴⁰. De Rafiu, levou 9 033 habitantes⁴¹ e de Samaria 27 290⁴².

Estas deslocações de grandes massas humanas eram diferentes de todas as outras até aí conhecidas. Tratava-se obviamente de transferências forçadas, com o objectivo de operar mudanças sociais nos diversos lugares conquistados: retiravam-se das suas terras de

³⁸ Sobre a mobilidade espacial e social no Médio Oriente Antigo, especialmente do povo hebreu, ver F. MARIO FALES, *L'Alba della civiltà*, I, Turim 1976, 168 ss.

³⁹ Estes números são-nos dados pelos Anais de Tiglat-Pileser III e recolhidos por P. GARELLI, *ob. cit.* 112. Têm sido várias as publicações das inscrições e anais dos reis assírios. Sobre os anais de Tiglat-Pileser III, mantém-se básica a obra, várias vezes reeditada, de P. ROST, *Die Keilschrifttexte Tiglat-Pileser III*, 2 vols., Leipzig, 1893.

⁴⁰ ANET, 285.

⁴¹ *Ibidem*, 285.

⁴² *Ibidem*, 285.

origem as pessoas mais válidas, destruíam-se os quadros dirigentes locais. Os deportados iam para regiões distantes, sendo instalados outros deslocados nas terras por eles deixadas. Assim, no caso da Samaria, somos informados de que foram transferidos para o norte da Mesopotâmia e da Média onde se vão disseminando e desaparecendo, dando origem à lenda das dez tribos perdidas de Israel. Para os substituir, vieram colonos de Babilónia, de Kutha, Avah, Hamat e Sefarvaim (2 Re. 17, 24).

Desta forma, a Samaria aparece com um novo facies étnico-social: os habitantes são em grande parte estrangeiros a viverem ao lado dos autóctenes, todos sujeitos ao mesmo estatuto social de classe, subjugada a chefes políticos para ali destacados pelo poder central.

Entre os estrangeiros e os naturais, depressa se estabelecem contactos: misturam-se raças, costumes, religiões. Diga-se entretanto que, no caso, predominaria a raça israelita, pela tribo de Efraim e Manassés, bem como a sua religião. Desta mistura híbrida, surgem os chamados «samaritanos», bem conhecidos até aos nossos dias, grupo humano diferenciado de todos os mais, sempre mal vistos pelos vizinhos, de que há provas no tempo de Cristo, como há ainda hoje com esse pequeno grupo de cerca de 200 pessoas, os únicos sobreviventes que restam na cidade de Nablus, centro da Samaria ⁴³.

Mas não foi só na Samaria que as deportações assírias alteraram o mapa étnico-social. Isso verificou-se em todo o império assírio. Os deportados foram dispersos pelas diferentes regiões do império, ficando sujeitos aos governadores nomeados pelo poder central, que tinham ao seu dispor guarnições militares. E, se alguma vez os governadores caíam na tentação de autonomia, lá estava o exército para reprimir. O exército que formou o império, manteve-o e mais tarde ajudou a destruí-lo. Com as grandes transferências das populações, obteve-se um grande nivelamento social e sobretudo um desenraizamento que impedia tentativas de rebelião. Tal objectivo foi conseguido num primeiro momento, mas, mais tarde, recordariam as suas origens e idealizaram o regresso às suas terras de origem, como aconteceu com os hebreus.

⁴³ Cfr. J. A. MONTGOMERY, *The Samaritans, the Earliest Jewish Sect*, Filadélfia, 1907, 2.ª ed. 1968, cap. 4-7. Sobre este tema específico e principalmente sobre a Samaria em geral, focando resultados de escavações arqueológicas, merece referência A. PARROT, *Samarie, Capital du Royaume d'Israel*, Delachaux & Niestlé, Neuchatel, 1955.

Desta forma, no mapa do império assírio, podem notar-se manchas que significam agrupamentos humanos onde iam germinando sementes de futuras rebeliões que dariam o seu fruto, logo a seguir, no império neo-babilónico, o que determinaria política diferente, mais realista e mais compreensiva por parte dos imperadores persas.

Consequências culturais e civilizacionais não podem também deixar de apontar-se.

Os povos vencidos a ocidente, hebreus ou arameus, foram afinal os vencedores dos próprios assírios, pela irradiação da sua cultura. É aliás o que já noutras ocasiões se havia verificado e se iria verificar no futuro. Nem sempre a verdadeira vitória é a das armas. Recordemos que, séculos antes, quando os beduínos dos desertos invadiram as regiões de Sumer, por exemplo na época de Mesilim, «o governo era coisa de nómadas,... a civilização, ao contrário, era dos sedentários». A antítese sublinhada por Ortega é referida por A. Tovar, chamando-lhe «uma lei eterna da história»⁴⁴. Assim aconteceu efectivamente neste caso. Os vencidos, como se diria mais tarde dos gregos em relação aos romanos, venceriam o feroz vencedor.

Os deportados das regiões do ocidente eram sobretudo arameus. Os melhores guerreiros foram destinados ao exército assírio. É curioso verificar-se o grande número de homens das regiões dos arameus que figuram nas listas dos soldados de Tiglat-Pileser III e de Sargão II, nos arquivos de Kalah, que foi a capital do primeiro destes soberanos.

Os operários foram colocados nas cidades, a fim de aí trabalharem nas construções reais e grandes grupos de pessoas foram destacadas para diferentes regiões agrícolas do império, onde se foram radicando e sedentarizando. Exército, principais cidades e várias aldeias foram assim marcadas pela presença de estrangeiros chegados das costas mais ocidentais da Ásia, recebendo, de diversos modos e a diversos níveis, as suas influências. Portadores da mesma língua, estes deportados, difundiram-na por toda a parte. Depressa se formou uma «koiné» linguística, com base no aramaico que foi suplantar a antiga língua oficial, que era o acádio. A corte de Kalah foi a primeira a utilizar o aramaico que, pouco a pouco, se tornaria língua oficial e diplomática, generalizada desde a Pérsia ao Egipto, no século VII e VI. E não é só a língua que vai do ocidente. Vão

⁴⁴ A. TOVAR, *ob. cit.*, 22.

também costumes e tradições. Ocidente e oriente, dentro dos limites que estes conceitos comportam na época, encontram-se e mutuamente se enriquecem.

Algo mais iria entrar em jogo. Como é sabido, os reinos arameus eram pequenos, constituídos ordinariamente por uma cidade com os seus arredores. Mas era bem conhecida a sua superioridade comercial. Não esqueçamos que Sargão II adoptou como escalão único para todo o império a unidade de pesos que era utilizada em Karke-mish, cidade aramaica, já de raiz neo-hitita. Os arameus, por sua vez, mantinham estreitos contactos comerciais com os fenícios, tradicionalmente voltados para o ocidente mediterrânico, onde desenvolviam o seu comércio e onde tinham consideráveis empresas coloniais. Através dos arameus, vemos agora os produtos dos seus *ateliers* difundidos por todo o império assírio. São os tecidos, os objectos de marfim, os vasos de cobre, etc. E, com os produtos, chegam também as técnicas de fabrico. A própria Arqueologia tem testemunhado em diversos sítios, tais como Nimrud, Karsabad, Ninive, etc. produtos de proveniência ocidental ao lado de outros já de fabrico local.

Estes contactos e interligações de povos obrigam-nos a afirmar que uma nova página da história começava a escrever-se. Das conquistas assírias, surgiam populações heterogêneas e encontros de culturas diferentes, mas que terminariam num abraço entre ocidente e oriente, que iria marcar o devir das civilizações.

A. AUGUSTO TAVARES